

POR Pedro Só, do Rio de Janeiro FOTOS Luciana Whitaker RETRATO Pedro Meyer

# POLO MAGNÉTICO

*Cansada do jornalismo diário, a fotógrafa carioca Luciana Whitaker foi ao Alasca atraída pela dramática convivência com a natureza. Apaixonou-se pela cultura esquimó. Voltou após 11 anos, com dois filhos e uma história de vida que parece saída de um filme*





**H**á um urso-polar na Gávea. Protegido da mata atlântica e das favelas que circundam o bairro da zona sul do Rio, ele é mantido longe dos olhares das visitas que Luciana Whitaker recebe na sala. Fica junto às escadas que levam ao segundo andar da casa, pendurado na parede, e só pode ser admirado – e eventualmente acariciado – pelos mais íntimos. Não é um objeto de decoração fácil de explicar a estranhos.

Por mais imponentes que pareçam, os 2,5 metros de pele do bicho são item menor dentre os inúmeros laços que mantêm a fotografia carioca ligada ao lugar onde morou por oito anos: a remota Barrow, cidade mais setentrional do Alasca e posto avançado de observação dos efeitos do aquecimento global. Com a calota polar em retração, a ponta ao norte da cidade, varrida por tempestades cada vez mais fortes, já foi desfigurada. Lá, o gelo fino é uma preocupação do dia a dia e a fauna apresenta novidades a cada verão (leia quadro na página ao lado).

Na Gávea, além do urso, moram com Luciana dois cariocas, batizados com nomes duplos em português e em esquimó (ou melhor, iñupiat, como se autodenomina

o povo de Barrow): James Sakiq, 14 anos, e Juliana Amayun, 10, frutos de uma rara história de amor e de aproximação entre duas culturas extremamente diversas. Eles viajam todos os anos ao Alasca para rever primos e tios, correr pela tundra e divertir-se ao ar livre, mesmo com a temperatura abaixo dos 10° C negativos... Luciana também vai com frequência a trabalho – em 2010, foi três vezes –, para registrar cenas singulares como a da caça à baleia em barcos frágeis, impermeabilizados com couro de foca. O olhar ainda é parcialmente estrangeiro, mas ela conta com acesso e compreensão só possíveis para quem está literalmente familiarizado com a sociedade iñupiat. Até hoje, quando chega à cidadezinha, ouve dos amigos e parentes: “Welcome home!”.

#### CAÇA À BALEIA

Em abril de 1996, aos 31 anos, Luciana embarcou em um projeto de férias que prometia ser diferente: iria viajar sozinha pela primeira vez em muitos anos. O relacionamento anterior havia acabado porque o ex-namorado, mais velho, com filhos adultos, não pretendia

ter mais crianças. “E eu não concebia a vida de outra forma, sem passar pela maternidade. Lá em casa éramos sete, tenho seis irmãos”, conta a fotógrafa. Depois de hesitar entre trekking no lombo de elefantes na Tailândia e travessias de caiaque na Malásia, decidiu-se por um roteiro de trenó com cachorros no Alasca. Não era particularmente fascinada pela neve e pelas paisagens, mas a experiência começou a encantá-la pelos valores humanos locais: o espírito cooperativo, a simplicidade, a humildade imposta pela dramática convivência com a natureza...

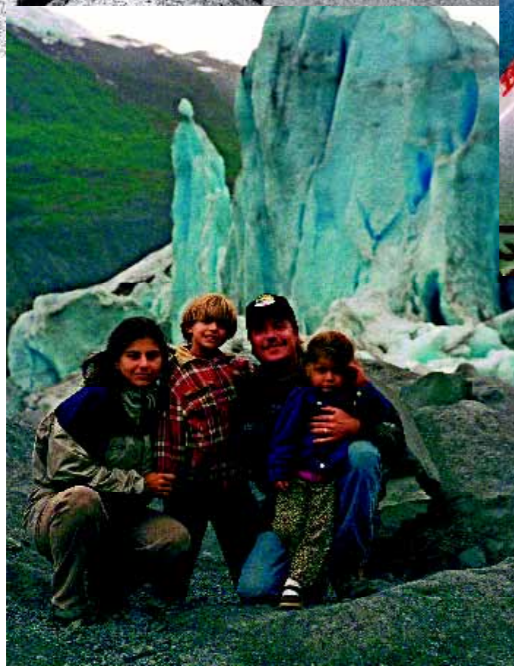
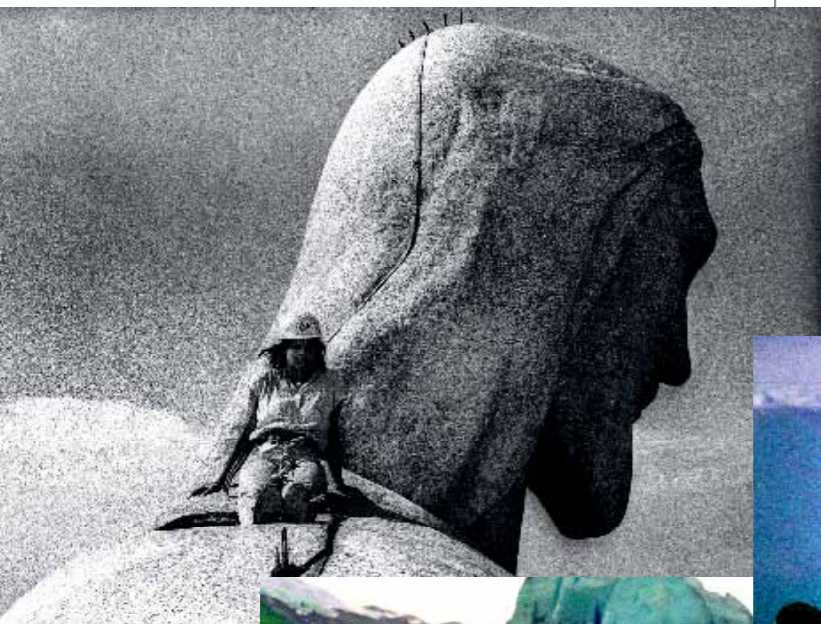
Terminado o circuito turístico convencional, Luciana foi até Barrow decidida a fotografar a caça à baleia, atividade central na vida da comunidade de pouco mais de 4 mil habitantes (a maior parte deles, de etnia iñupiat). Lá, conheceu o americano Kelly Aikins, nascido na Califórnia, mas completamente adaptado à cultura local – depois de morar na cidadezinha entre os 10 e 14 anos, não quis ir embora com os pais biológicos e pediu para permanecer lá, “adotado” pela família esquimó de seu melhor amigo. Loiro, olhos azuis, então diretor do departamento de trânsito da cidade, Kelly caçava baleias, caribus,

## – Aquecimento global: ursos e alces invadem Barrow

Em Barrow, 515 quilômetros adentro do círculo polar ártico, o aquecimento global é assunto do dia a dia. “A conversa com as pessoas de lá sempre esbarra no tema”, conta Luciana Whitaker. “Cada um tem uma história diferente.” Antes, chegavam icebergs à costa, agora só vêm pedaços menores. Morrinhos de neve usados para diversão das crianças derreteram, ursos cinzentos e alces já invadem o habitat humano. Alguns celeiros de gelo, compartimentos subterrâneos para armazenar carne de baleia, já não têm mais utilidade. “No verão, a carne apodrece, e os caçadores de hoje precisam levar tudo para a base da Marinha. Ou coisa impensada até há pouco tempo: comprar um freezer.”

Na ponta Barrow, ao norte da cidade, o mar já varreu o núcleo onde a aldeia foi fundada e começou a erodir um terreno sagrado, usado como cemitério pelos ancestrais iñupiat há muitos séculos. Depois que crânios apareceram na praia, a cada verão são feitas novas escavações para remover os restos mortais e enterrar em novo local. “Corremos contra o tempo para preservar esse passado.”





focas... Também era ótimo cozinheiro. Mas conquistou definitivamente Luciana a partir de um bilhete, entregue na hora da despedida, com a recomendação de que só fosse aberto quando ela estivesse dentro do avião. Era um cartão em que lhe desejava... um feliz Dia das Mães. Apesar do encantamento mútuo, os dois não tinham dado um beijo sequer. “Como assim, Dia das Mães? Eu não tenho filho...”, interpelou ela, pelo telefone, ao chegar a Nova York. A resposta: “Mas você vai ter um dia – e comigo”.

Naquela época, Luciana já era um talento reconhecido do fotojornalismo: chefiava a sucursal da *Folha de S.Paulo* no Rio de Janeiro. Bonita e bem-nascida, com incomum formação acadêmica e olhar inquieto, destacava-se também pela garra nas pautas selvagens do cotidiano urbano. Guiava a própria moto para driblar o trânsito e chegar antes da concorrência. “Eu adorava aquela adrenalina, fazer tiroteio em favela...”

Luluska, no tratamento carinhoso dispensado pelo companheiro de redação Janio de Freitas, cobria de tudo um pouco, mas tinha acumulado boa milhagem e ótimos cliques durante viagens presidenciais. De Fernando Henrique Cardoso, fez uma foto famosa, quando ele, ainda candidato,

38

A FOTÓGRAFA NO OMBRO DO CRISTO REDENTOR (1990); MIKHAIL GORBACHEV E LUCIANA DIVIDEM A MESMA POLTRONA NO HOTEL GLORIA DURANTE ENTREVISTA DO RUSSO - ELE QUE PEDIU PARA ELA SENTAR ALI (1992); LUCIANA, JAMES,

JULIANA E KELLY NO GLACIAR EXIT (2004); COM O FILHO JAMES EM PASSEIO PELO OCEANO ÁRTICO (1998); COM MILTON NASCIMENTO, TOM JOBIM E CHICO BUARQUE, NA CASA DE TOM (1993)



## — “O urso se aproximou, gritaram para eu correr, mas escorreguei...”

Em abril de 2010, de volta ao Alasca para registrar mais uma expedição de caça à baleia, Luciana Whitaker viveu algo que ainda não tinha experimentado. Enquanto os caçadores se lançavam à água, a brasileira teria de ficar sozinha por algumas horas. O capitão da equipe perguntou se ela sabia atirar e, diante da negativa, escalou um adolescente para ficar a seu lado, com um rifle.

Um lindo urso-polar veio se aproximando – ótima oportunidade para as lentes, “a foto ficando cada vez melhor...”, pensou a fotógrafa –, até que o rapaz deu o alarme – “Corre!” – e saiu em disparada sem atirar. Luciana tentou fugir, mas, com equipamento pesado, pisou numa irregularidade do gelo e caiu... Por sorte, havia outro acampamento próximo e, atento à cena, alguém deu um tiro para o alto. Assustado, o bicho pulou no mar e, para tensão geral, nadou em direção à precária canoa dos caçadores, antes de finalmente se afastar. “Se chegasse mais perto da gente, seria arpoado”, disse o capitão.

FOTOS ARQUIVO PESSOAL / LUCIANA WHITAKER/FOLHAPRESS

FOTO FEITA POR LUCIANA MOSTRA ISABELITA DOS PATINS ABORDANDO FHC; PARTICIPANDO DE UMA CAÇADA DE CARIBU (2004); “NA VERDADE, APENAS FOTOGRAFEI, MAS OS AMIGOS ESQUIMÓS FIZERAM QUESTÃO DE TIRAR A MINHA FOTO”; COM A FILHA JULIANA, NO RIO DE JANEIRO

resolveu se aventurar por alguns passos no calçadão da avenida Atlântica, em Copacabana, nas primeiras horas de 1994: o surpreendente beijo do transformista argentino Jorge Omar Iglesias, conhecido como Isabelita dos Patins. Depois de eleito, o galanteador FHC fazia questão de cumprimentá-la dispensando formalidades: “Oi, Luciana”.

### DE MALA E CUIA PARA O ALASCA

Tudo isso, porém, passou a fazer menos sentido depois da viagem de abril de 1996. No primeiro feriado que se apresentou, Luciana comunicou ao chefe, em termos inapeláveis, que iria ficar fora uma semana. “Vou ver qual é a dessa história”, disse a si mesma. Depois de um primeiro encontro com Kelly em Seattle, voltou disposta a encarar a aventura – por seis meses, dois anos, o tempo que fosse. “Eu já tinha oito anos no jornal: oito Carnavais trabalhando, oito Natais, oito réveillons... Incontáveis plantões de sequestro”, recorda. “Então, dei aviso prévio na *Folha*, fechei o apartamento, peguei o cachorro e fui.”

O labrador preto Toffee, acostumado às canículas cariocas, foi parar em Barrow, onde no inverno a temperatura média é de 27 °C negativos. Apesar da diferença brutal, adaptou-se sem maiores estresses – e ainda ajudou a dona. “A necessidade de levar o bicho para passear três vezes ao dia acabou sendo positiva: eu não iria querer sair de casa por livre e espontânea vontade nos dias em que o termômetro fica perto dos 50 °C negativos... Mas minha sogra esquimó fez uma parca para mim, aos poucos

39

## “DEI AVISO PRÉVIO NO JORNAL, FECHEI O APARTAMENTO, PEGUEI O CACHORRO E FUI PARA O ALASCA”

troquei as roupas sintéticas de turista pelos casacos deles e não senti tanto frio.”

A fotógrafa Bel Pedrosa, então colega de jornal, descreve o impacto da decisão da amiga entre os companheiros de trabalho: “As pessoas ficavam se perguntando ‘mas o que ela vai fazer naquele fim do mundo?’, ao mesmo tempo em que, maravilhadas, pensavam: ‘Como alguém muda a própria vida dessa forma?’ Ela foi de uma coragem inacreditável”. Luciana discordava: “Eu me apaixonei, não fiz sacrifício nenhum”. Vegetariana, ela não demorou a se render aos peixes locais, defumados artesanalmente, e à eficiência da gordura de foca como tempero capaz de poupar o corpo dos rigores do inverno.

### ALIANÇAS DE MARFIM DE MORSA

Semanas após a chegada a Barrow, o recém-formado casal recebeu para morar com eles Aidrianna Joy, 11 anos, filha do primeiro casamento de Kelly (com uma esquimó). Em menos de um mês, as duas já tinham um relacionamento de muita intimidade – até hoje se tratam por mãe e filha. Em 29 de outubro de 1996, um juiz celebrou a união civil de Kelly e Luciana, com alianças de marfim de morsa, joias do artesanato local. Em julho seguinte, chegaria James, nascido no Rio, mas logo trazido para o Alasca. Quatro anos depois, em 2000, viria ao mundo – e depois a Barrow – Juliana.

Como fazem as boas mães esquimós, Luciana ia com filho nas costas a todos os lugares e compromissos – até

mesmo quando a pauta era registrar grupos de ursos-polares ao norte da cidade. Na escola, James e Juju aprenderam inglês e iñupiat; em casa, falavam português com a mãe. Durante os oito anos que viveu em Barrow, a brasileira trabalhou para um jornal de Anchorage (maior cidade do Alasca), vendeu imagens para agências internacionais e, totalmente inserida na comunidade, foi fotógrafa de casamentos e festas – até cliques para passaporte fez. No museu da cidade, Iñupiat Heritage Center, há uma sala inteira com fotos tiradas por ela. A confiança e os laços abriram portas para que registrasse cerimônias fúnebres, cenas familiares e mesmo atividades habitualmente fechadas a mulheres, como a caça à baleia. “É o sonho de todo fotógrafo. Poder ficar tanto tempo numa terra tão diferente, uma comunidade isolada, fechada. E entrar na intimidade daquele povo”, comenta Ricardo Azoury, colega de profissão. Uma fina seleção de imagens e a história detalhada da experiência estão impressas no livro *Onze anos no Alasca* (Ediouro, 2008).

Em setembro de 2004, porém, o casamento acabou. E Luciana voltou a viver no Rio com os filhos, profundamente marcados pela experiência e com uma relação especial com a natureza. James pediu de aniversário de 14 anos uma fossa biológica – a casa da família já tem minhocário e composteira para transformar resíduos orgânicos em adubo. Juju ainda cultiva seu vocabulário iñupiat e as canções folclóricas que aprendeu no Alasca. Kelly morreu em 2005, no Rio de Janeiro, em decorrência de uma pancreatite. A pele de urso polar que está na parede da casa na Gávea é uma das quatro que ele possuía. Foi o próprio Kelly quem matou um dos animais, a tiro, após ser atacado: só conseguiu abatê-lo quando já estava a 1,5 metro de distância.

Como colaboradora freelancer de agências como Reuters e Getty, além de *Folha de S.Paulo* e revistas semanais, Luciana, 46 anos, ainda milita no fotojornalismo, mas prefere fazer retratos e pautas mais tranquilas da vida carioca. Em dezembro, deve estar de volta ao Alasca, para registrar cenas de um dramático processo de transformação: celeiros de gelo que já não são mais frios o suficiente para conservar carne de baleia, praias e construções costeiras tomadas pelas marés e tempestades, ursos que têm cada vez menos espaço para se esconder... ■

